

Versão Online

ISBN 978-85-8015-038-4

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2007

FALTA DE DESEJO DE APRENDER

Causas e Consequências

Clenilda Cazarin Pezzini*1

Maria Lidia Sica Szymanski*2

Dentre todas as dificuldades pelas quais passa a educação no Brasil, destaca-se, atualmente, um grande desinteresse por parte de muitos alunos, por qualquer atividade escolar. Frequentam as aulas por obrigação, sem, contudo, participar das atividades básicas. Ficam apáticos diante de qualquer iniciativa dos professores, que se confessam frustrados por não conseguirem atingir totalmente seus objetivos.

Esta pesquisa, com alunos, professores e demais membros da comunidade escolar, buscou investigar por que tais alunos mostram-se desinteressados pelos estudos, a fim de possibilitar a busca de alguma saída, de modo a que tais alunos adquiram os conhecimentos mínimos desejados pela escola e que são um direito de todos.

Das leituras efetuadas, descobriu-se que desejo é o sentimento muito forte do querer. É querer tanto, a ponto de não medir esforços para conseguir o objeto desejado. Segundo RUDEL (2007, p.35), “um impulso não satisfeito em tempo leva ao surgimento de uma tensão - que caracteriza o desejo.” E sempre que “...o indivíduo pensa na coisa desejada, está criando ou aumentando tensão psíquica, e ficando assim como alvo de motivação que o levará a agir no sentido de satisfazer o desejo surgido.” O desejo é próprio de seres inacabados, pois um ser que não carecesse de nada não desejaria nada, seria um ser perfeito, um deus.

Sendo próprio de seres inacabados, ele deveria fazer parte de todo ser humano – incluindo, naturalmente, os alunos, que, segundo FREUD ([1910] (1990), deveriam fazer parte dos “desejantes de saber”, tal como as crianças e os cientistas.

É interessante ressaltar que o sujeito infantil está interessado no conhecimento das coisas sexuais, e para Kupfer (1995, p. 80) a descoberta da diferença sexual anatômica é o início do desejo de saber, pois a “criança descobre diferenças que a angustiam. É essa angústia que a faz

* 1 Pedagoga do Colégio Estadual Beatriz Biavatti, em Francisco Beltrão-PR
clenildapezzini@ibest.com.br

* 2 Pós-doutora em Psicologia, Desenvolvimento humano e Educação. Professora da FACIAP e UNIOESTE. szymanski_@hotmail.com

querer saber”. É o interesse pelas coisas sexuais que, posteriormente, deslocar-se-á para outros objetos, tais como o conhecimento veiculado por meio do trabalho pedagógico com o conteúdo escolar.

Se o desejo está ligado à história pessoal de cada sujeito infantil, o que restaria ao professor, nos casos em que o aluno apresenta-se desinteressado quanto ao saber?

Para KUPFER (1995, p. 79), “... o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca de conhecimento”, ressaltando o porquê da sua importância. Os alunos precisam ser provocados, para que sintam a necessidade de aprender, e não os professores “despejarem” sobre suas cabeças noções que, aparentemente, não lhes dizem respeito. A forma de apresentar o conteúdo, portanto, pode agir em sentido contrário, provocando a falta de desejo de aprender que seria, para os alunos, o distanciamento que se coloca entre o conteúdo e a realidade de suas vidas. Quando o aluno não percebe de que modo o conhecimento poderá ajudá-lo, como desejará algo que lhe parece inútil?

Esta inutilidade também aparece na dificuldade de conseguir emprego tão logo completem seus estudos. Então, parece-lhes que perderam tempo na escola.

As políticas educacionais praticadas pelo MEC nem sempre vêm contribuindo para o desejo de aprender. Como exemplo a ser citado é a aprovação, pelos Conselhos de Classe, de alunos que não adquiriram o

conhecimento mínimo necessário e, portanto, a média exigida. (Resolução nº 3794/04)

Como resolver tais situações?

Uma maneira prática de incentivar os alunos a buscarem conhecimento é o desenvolvimento da autonomia, que pode ser encarada ao mesmo tempo como capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio a ser adotado pelos professores. É gerando ações e vivenciando-as com os alunos através de temas estimulantes e buscando sempre o sentido daquilo que se faz, criando atitudes, valores e normas, que o professor terá condições para uma situação geradora de autonomia e segurança, não só para os estudos, mas também para a vida.

A construção da autonomia é muito mais importante do que a exigência de “disciplina”, pois crianças “... encorajadas a pensar ativa, crítica e autonomamente aprendem mais do que as que são levadas a obter apenas competências mínimas” (KAMII, 1986, p. 120). Esta autonomia é criada também pela oportunidade de participação. O aluno precisa sentir-se acolhido, respeitado, encorajado a fazer perguntas sobre o que não entendeu, pois, do contrário, levará consigo suas dúvidas pelo medo de “dar um fora”.

O acolhimento, o respeito e o encorajamento, bem como a responsabilidade, devem ser praticados também na família, cuja participação na vida escolar dos filhos é fundamental. E quando se fala em respeito, deve-se lembrar que os jovens têm seu jeito próprio de ser, de se comportar, de falar. Desde que este jeito não fira o jeito dos demais, ele deve ser respeitado, pois não adianta querer que os jovens mudem para agradar aos professores.

A Pesquisa de campo: Desejando buscar o desejo do aluno

Este estudo objetivou pesquisar as causas apontadas pelos alunos para a falta de desejo de aprender. Para isso, foi feita uma pesquisa

exploratória, que pode ser definida como um meio para conseguir maior conhecimento sobre o assunto, antes de tomar qualquer outra atitude, ou seja, é um estudo preliminar sobre determinado assunto a ser investigado posteriormente. Segundo GIL (1994, p. 44), a pesquisa exploratória “... tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores ... constituindo, muitas vezes, a primeira etapa de uma investigação mais ampla”.

A técnica utilizada para a pesquisa foi a Entrevista semi-estruturada, que, ainda segundo GIL (1994, p. 113), “... uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada(...) por pesquisadores que [tratam de problemas humanos],(...) não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação...”. E foi considerada semi-estruturada, por basear-se em um roteiro com perguntas abertas e ainda, possibilitarem que outras perguntas surgissem das respostas obtidas.

Trabalhou-se com 18 alunos, de 7^a e 8^a séries, nos turnos matutino e noturno, de uma escola da rede pública estadual, selecionados de acordo com os seguintes critérios: a) faltavam às provas e não procuravam fazer a prova substitutiva; b) chegavam freqüentemente atrasados no primeiro horário; c) não entregavam os trabalhos escolares; d) recusavam-se a desenvolver as atividades em sala de aula com a maioria dos professores; e) ao serem questionados sobre esses procedimentos, mostravam-se indiferentes.

Feita a seleção dos alunos a serem envolvidos nesta pesquisa, foi elaborado o roteiro de entrevista, aplicada individualmente. E, os dados foram analisados de acordo com o método DSC (discurso do sujeito coletivo), definido por LEFÉVRE (2003) como uma forma de representar o pensamento de uma coletividade, num só discurso-síntese, ou seja, utilizar o discurso de todos como se fosse de uma única pessoa.

Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

A seguir, relatam-se as questões apresentadas aos sujeitos e suas respostas, analisadas com base na construção do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÉVRE, 2005).

Como você avalia sua escola?

“É a melhor escola de todas. Poderia trocar a professora de matemática, que às vezes chega mal-humorada; o ensino é igual a outras escolas mas poderia ter mais cobrança. A falta de professores atrapalha. Deveria ter mais aulas práticas, como a feira interdisciplinar que eu gostei muito, e menos conversas durante as aulas. Não gosto de ser sempre mandada para a direção. A escola é regular, o pátio é grande, mas falta pintar as paredes, consertar quadros, carteiras e melhorar a quadra. Tem muito menino em algumas turmas. A direção e coordenação são legais, mas tem muito “piá metido”, que gosta de brigar. O ensino aqui é bom, é melhor do que a outra onde eu estudava, mas tem alunos que atrapalham. Alguns professores explicam bem a matéria. A cantina deveria mudar de lugar (fica perto dos banheiros)”.

Como se pode perceber, a maioria dos alunos entrevistados gosta da escola, porém constata-se uma maior preocupação com a melhoria da parte física do que com a melhoria do processo pedagógico, o que leva a supor que para estes, ESCOLA é o prédio. Entretanto, um dos alunos percebe que a falta de professores é um entrave para a aprendizagem. De fato, professores faltam por diversos motivos (doença na família, viagens para cursos, entre outros) e muitas vezes não há substituição. Assim, os alunos percebem que seus estudos não estão rendendo quanto poderiam, pois a falta do professor titular gera aulas menos interessantes, ministradas por substitutos não tão bem preparados, que estão ali mais para cumprir horários do que propriamente preocupados com a aprendizagem dos alunos.

A preocupação com a parte física, que na verdade é o aparente e, portanto, diretamente constatado, é facilmente percebida, pois o prédio em questão realmente apresenta tais falhas. O fato de carteiras estarem estragadas, quadros-de-giz riscados e/ou com rachaduras, quadra de esportes inacabada, geram relativo desconforto para professores e alunos. O desconforto gera indisciplina, que pode ser uma das causas de dificuldade de aprendizagem, pois o desconforto causado pela cadeira torta ou a quadra inacabada, pode contribuir para que o aluno não consiga a concentração necessária à aprendizagem.

Qual o professor que você mais gosta e por quê?

“Não tenho preferência, mas gosto de Educação Física – teoria. Geografia eu gosto da matéria, de aprender sobre países. Gosto também de Matemática. Gosto das professoras que explicam bem a matéria, que conversam com respeito, que “prepara” aulas interessantes. Têm professores que são muito legais, que conseguem uma aula mais organizada, que, depois de explicarem bem a matéria, ainda perguntam se a gente entendeu, mostrando-se interessados. Estes são bons professores, conversam amigavelmente, fica fácil entender a explicação deles. Eles falam com calma, atendem individualmente, não são estressados. São descontraídos e, às vezes, até divertidos. Eles explicam quantas vezes for necessário. A gente consegue aprender”.

Os alunos gostam de professores que explicam bem a matéria, que os tratam com carinho, com respeito. Alguns alunos também citaram o atendimento individual (na carteira) dado por alguns professores. É neste atendimento individual que o aluno cria a coragem necessária para fazer perguntas, que ele não faria em público, por medo da reação dos colegas. E perguntar, segundo Freire, (1985, p. 46) é o início da aprendizagem. “... o que o professor deveria ensinar [...] seria, antes de tudo, ensinar a perguntar. Porque o início do conhecimento, repito, é perguntar. E somente

a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas.”

Sendo assim, é necessário que se estimule o aluno a fazer perguntas, e a presença do professor na carteira do aluno pode ser a única oportunidade para que o faça.

Por outro lado, chegar perto do aluno, conversar com ele, demonstrar respeito por suas idéias, suas dúvidas, estimula-o à participação nas tarefas escolares. Todo ser humano gosta de atenção. E os alunos, muitas vezes, só a têm na escola. Um conceito positivo de si mesmo facilita ao aluno a possibilidade de aprendizagem, pois “[P] perde-se a auto-estima quando se passa por muitas decepções e frustrações, situações de perda, ou quando não se é reconhecido por nada que se faz, isto é, quando o outro nada deseja de nós e, portanto, aprende-se a nada desejar” (SZYMANSKI, 2006, p. 167). Então, a atenção do professor, demonstrando interesse pelas atividades do aluno, estimulando-o ao esforço contínuo, resulta muito melhor do que tratá-lo com aspereza ou, pior ainda, com desprezo.

Qual o professor que você menos gosta e por quê?

“Não gosto de alguns professores, apesar de não ter nada contra, mas não vou bem na matéria. Por exemplo, não gosto de Matemática. Não gosto de professor que esnoba, que compara a gente com nossos irmãos, dizendo que eles são tão inteligentes, deixando claro que a gente não é. Tem professores que falam muito baixo, e como a turma faz muito barulho, não consigo entender. Estes professores são os que não conseguem controlar a turma. Tem alguns professores difícil de lidar, são meio ‘grossos’ no trato com a gente. Se a gente não entendeu e pedir nova explicação, eles olham com cara feia e nos respondem mal. Alguns professores gritam com a gente, e então eu respondo igual. Alguns professores estão sempre mal-humorados, parece que já amanhecem “azedos”, e ficam jogando na cara da gente coisas que aconteceram em outros anos”.

A maioria dos entrevistados não gosta de atitudes relacionadas com

indelicadeza no trato, mau-humor, impaciência, etc. Percebe-se que eles reclamam também de professores que “não conseguem controlar a turma”. De fato, quando a aula não é muito interessante, os alunos não conseguem interessar-se por ela e tumultuam a sala de aula. Eles percebem também se o professor está inseguro, e, neste caso, o tumulto fica ainda maior. Quando isto acontece, além de rever seu planejamento, o professor precisa encontrar meios de manter a turma interessada nas atividades, através de conversas, atitudes firmes, estabelecimento de normas em conjunto com os alunos, dando-lhes atenção, enfim, mantendo a autoridade sem ser autoritário.

Alguns fatores contribuem para o estresse e o mal-humor docente, dos quais os alunos se queixam. O número excessivo de aulas a que o professor precisa submeter-se, o número também excessivo de alunos em sala de aula, muitos deles sem limites de comportamento, são alguns dos problemas inerentes ao magistério, cujo teor a APP-Sindicato divulga constantemente e pela resolução dos quais vem lutando. Entretanto, o professor deveria estar psicologicamente preparado para lidar com a situação, já que ela ocorre, como de fato, muitos estão. Percebe-se claramente na mesma turma em que alguns professores não conseguem realizar um bom trabalho, alegando que a turma não corresponde, outros conseguem que os mesmos alunos realizem qualquer tipo de atividade para a qual sejam desafiados. Então, o problema não é somente a turma. Ele está também na atitude do professor, que é quem deve criar condições para a aprendizagem. Segundo GASPARIN, (2005, p. 15), “ ... o educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado; deve perceber alguma relação entre o conteúdo e a sua vida cotidiana, suas necessidades, problemas e interesses. Torna-se necessário criar um clima de predisposição favorável à aprendizagem”.

Porém, as atitudes dos professores apontadas pelos alunos, fazem o efeito contrário. O conteúdo a ser trabalhado muitas vezes não é devidamente relacionado com a vivência do aluno, que não consegue estabelecer utilidade desta aprendizagem para si. Neste caso, desinteressa-

se pelo assunto e passa a perturbar o andamento da aula.

Como deveria ser a escola para você gostar?

“Seria uma escola sem brigas, sem gente metida. O prédio seria pintado de vermelho, azul ou branco, teria portões altos, curso de computação com sala de computadores. Teria disciplinas diárias (uma matéria por dia), turmas menores, espaço para jogos no recreio, piscina, turno contrário com atividades. Ela teria uma quadra bem feita com traves fixas para *futsal* e outros jogos e também quadra de areia, área de lazer para turno contrário, ambiente para leitura e pesquisa. Pátio com árvores de sombra. Teria laboratório para Ciências, biblioteca, aulas ao ar livre, quadros brancos, carteiras universitárias, cor suave nas paredes. O prédio teria dois pisos: embaixo teria a cantina, banheiros, cozinha, secretaria, etc. Em cima seriam as salas de aula. As salas seriam espaçosas e bem ventiladas, com TV em cada sala. Aulas mais interessantes – diferentes, práticas, Professores excelentes, ver com alunos o que gostariam de ter na escola: laboratório, biblioteca boa, ensino integral com espaço suficiente. Mesas no pátio, cantina boa... Seria um colégio grande, com salas organizadas, bem arejadas, ambiente florido no pátio. Teria aulas de natação, outras modalidades de jogos, sala de informática, professores bem-humorados. Os professores não faltariam ou haveria substitutos, ou então teria atividades extras prontas, para o caso de faltar professor. Não teria goteiras (aqui tem)”.

Uma idéia chama atenção. O fato de os alunos preferirem um prédio com dois pisos ou mais. Na realidade, a escola em questão possui apenas um piso e é compartilhada com uma escola municipal, de 1^a a 4^a séries, o que faz com que o espaço livre seja reduzido. Neste caso, segundo eles, se houvessem mais pisos sobraria espaço livre para circulação de pessoas no pátio, colocação de mesas com bancos para atividades de aula, jogar xadrez e outras ocupações.

Percebe-se também a preocupação de alguns alunos com salas mais arejadas, o que é perfeitamente justificável, pois numa sala com 45/50 alunos, as janelas precisariam ser mais amplas e não basculantes, pois este tipo de janela dificulta a entrada e circulação de ar. Nos dias mais quentes, esse ar parado causa muito desconforto, incluindo dores de cabeça e até desmaios. Constata-se, portanto, ainda uma ênfase nos aspectos físicos e nos espaços destinados ao lazer.

Entretanto, a escola ideal, para a maioria deles, teria também bons professores, bem preparados, que não faltassem ou, nesses casos, fossem substituídos, que preparassem aulas interessantes, enfim, uma escola prazerosa, onde pudessem sentir-se seguros, amparados, bem orientados, a fim de saírem dela como vencedores.

Você gosta de estudar? Por quê?

“Muito pouco. Gosto de estudar, mas leio pouco. Entretanto, me esforço para aprender, apesar de às vezes ser preguiçoso. Não gosto de resumir textos. Gosto só de algumas matérias. Quando consigo aprender me realizo. Estudo com meu pai. Ultimamente consegui entregar alguns trabalhos atrasados. Corri atrás do prejuízo. Alguns professores reclamam do meu jeito de ser. Se eu estiver rindo acham que estou debochando. Estou gostando mais de estudar agora, depois que passei para a noite. Eu gostava mais de estudar, mas aos poucos fui deixando de gostar e também tenho pouco tempo. Não gosto. Prefiro outras coisas, como trabalhar (mecânico, junto com o pai). Não tenho vontade de estudar, se bem que à noite é mais tranqüilo. Na verdade, nunca gostei de estudar”.

De fato, a maioria não está muito interessada em estudar. Alguns ainda declaram gostar, porém a maioria procurou desconversar. A resposta mais ouvida foi um tímido “é... mais ou menos”. E não explicaram por quê. Inicialmente, havia a hipótese de que eles tivessem deixado de gostar dos estudos por algum motivo relacionado à escola ou a algum professor. Mas,

aparentemente não foi isso que aconteceu. Alguns alunos declararam que gostam de estudar, que se esforçam para aprender, que contam com a ajuda dos pais, etc.. Porém, o resultado, segundo professores, não tem sido o esperado.

Dada a situação financeira precária de muitas famílias, a busca por um trabalho remunerado tem sido prioridade até para alunos menores. Mas, como convencer um aluno de que ele precisa estudar para garantir o futuro, se ele não sabe se haverá o que comer em casa hoje mesmo?

Certamente, para tais alunos, as aulas precisam melhorar muito. O ensino precisa estar atrelado à situação econômica de suas famílias, a fim de que possa interessá-los e de que possam entendê-lo, percebendo a utilidade para suas vidas.

Qual foi a experiência mais importante em sua vida escolar?

“Uma palestra sobre drogas que teve neste Colégio, aprender a ler na 1ª série quando alguns não aprenderam. Poder estudar à noite. É mais fresco (o ar) e mais tranquilo, ser aprovado na 6ª série, e participar de todas as aulas de teatro. Trocar para este Colégio, fazer uma viagem para Salto Segredo, um piquenique no Seminário e um passeio num sítio, ser aprovado. Gostei muito também do passeio na chácara do tio da B. Z., de uma Semana da Cultura (atividades culturais – apresentações), minha participação no Fera, na 5ª série, todas as experiências fora da sala (entregar fitas brancas na Semana da Paz, conhecer o laboratório da USP, visitar o laboratório da UNIPAR), os campeonatos inter-séries e as gincanas, ganhar a gincana no ano passado, fazer uma viagem às Cataratas do Iguaçu. Sempre gostei das festas juninas e também gosto de fazer pesquisas”.

Chama a atenção, o fato de que muitas experiências consideradas importantes pelos alunos aconteceram fora da sala de aula, ainda que no ambiente escolar, reforçando a idéia de que as salas de aula estão sendo (ou parecendo) sufocantes. Entretanto, não foi qualquer tipo de aula que eles

consideraram como boas experiências, e sim atividades diferenciadas, como viagens de estudos, jogos, palestras, etc. Este tipo de aula realmente sempre foi bem recebido pelos alunos, embora trabalhoso para o corpo docente, devido à grande dificuldade em prepará-las e executá-las, por falta de estrutura física da escola, além dos empecilhos em conseguir o material necessário, bem como o transporte para as aulas-passeio. Mesmo assim, a escola deve continuar organizado-as, pois são perceptíveis seus melhores resultados, em relação à tradicional sala de aula.

Qual a experiência escolar mais difícil para você?

“Fazer os “provões”, pois a gente fica muito nervoso. Não gosto quando os professores trabalham muita teoria. A gente fica cansado. A pior experiência foi reprovar, mas também não gostei quando um professor me chamou de corno. As bagunças na sala de aula sempre me prejudicaram. Ir para a delegacia, quando briguei com um colega. “Apanhar” da professora quando estava no Pré, ser xingado pelo policial do PROERD e ainda cair no chafariz do parque, durante uma visita à Expobel. Foi um vexame. Ser xingado pelos professores. Não gosto quando fazem isso comigo, na frente dos colegas. Ter me envolvido em algumas brigas e ter sido expulso do outro Colégio”.

Distinguem-se perfeitamente dois fatos que desagradaram à maioria dos alunos entrevistados: terem reprovado e/ou terem sido tratados rudemente por algum professor. A reprovação marca profundamente a vida de um aluno, pois além de perder um ano de suas vidas, eles ficam separados da “sua” turma, dos colegas de vários anos e, principalmente, sentem a responsabilidade de desagradar aos pais e à família. Os alunos que reprovam podem até disfarçar com um ar de pouco caso, mas por dentro sentem-se arrasados. Muitas vezes a reprovação lhes serve como lição, e procuram ser mais responsáveis no ano seguinte, esforçando-se para melhorar seu desempenho; mas, para alguns, ela de nada vale. As atitudes

irreverentes continuam, ou mesmo pioram.

Uma das causas para tais atitudes pode ser a não-reprovação praticada pelas escolas nos últimos anos. Ouvem-se comentários do tipo: “fulano nada fez o ano todo e passou; então para quê estudar?” Infelizmente tais fatos acontecem. É necessário que os alunos compreendam a importância de estudar e aprender para a vida, e não apenas para passar de ano. Se o objetivo é ensinar realmente, precisamos lembrar que ensinar, no sentido etimológico, significa “colar uma insígnia”, ou, neste caso, um saber. Para isso, o aluno precisa dispor-se a aprender por entender que ninguém poderá fazê-lo por ele, já que, como afirma MORAIS (1986, p. 10), “... a vida é um caminho e ninguém pode caminhar pelo outro o caminho que é do outro”.

Ainda, segundo o mesmo autor, “... só há ensino quando há companheirismo entre ensinante e ensinando, educador e educando, pois o que caracteriza o ensinar é a ultrapassagem da coexistência para a convivência”. E nas respostas dos alunos fica bem claro que as atitudes dos professores que lhes proporcionaram as experiências escolares mais difíceis ficam apenas na coexistência, pois a convivência precisaria ser mais harmoniosa para facilitar processo de aprendizagem.

Qual foi a experiência mais importante em sua vida pessoal?

“A separação de meus pais, porque acabaram as brigas. Conseguir emprego na *Bilhares Líder* e poder ganhar meu próprio salário e melhorar de vida (financeiramente). Nos últimos anos consegui mudar meu comportamento para melhor. Uma coisa muito boa foi ter ido ficar uns tempos com meu pai, em Brasília, ter ganhado um irmão (está com 4 meses) e ainda ter a ajuda de meus pais; quando precisei da bicicleta para trabalhar o pai me deu. Nossas idas à praia com a família, ganhar um cavalo, que eu queria tanto. Sempre gostei de festas, então as festas de Natal e Ano Novo sempre foram ótimas para mim. Uma experiência inesquecível foi uma visita ao Parque Aquático (Rio Negro), com meus pais, tios e primos e uma viagem

a Curitiba onde fiquei alguns dias fazendo curso. Viajar para Londrina, ganhar uma bicicleta do PROERD, ganhar um computador e um celular”.

No projeto inicial, salientou-se a importância da participação da família na vida escolar dos filhos. As respostas listadas acima confirmam essa afirmação. De uma forma ou de outra, todas as “melhores experiências” estão relacionadas à família. Por mais inexpressivo que parecesse o acontecimento, ele ficou gravado para o aluno como muito importante: viajar, ganhar presentes, conseguir emprego, melhorar de vida, etc. Será que uma participação mais efetiva da família na vida escolar dos filhos não os levaria a acreditarem mais na importância do ato de estudar? O desinteresse dos pais não estará atestando para o filho que, se estudar fosse importante, seus pais também estariam interessados? A verdade é que a escola precisa incentivar a participação dos pais, e estes não podem perder de vista o objetivo principal, que é garantir um futuro melhor possível para seus filhos.

Qual a experiência pessoal mais difícil para você?

“Perder meu avô, de quem eu gostava muito (eu o ajudava no bar), brigar com um amigo, ter tido bronquite. Foi muito triste quando minha mãe teve tumor no útero e também quando deu um derrame em minha tia e ela faleceu. O falecimento de meu primo de 16 anos, perder meu irmão (eletrocutado, em São Paulo), ter cortado a perna e ter um problema de bronquite alérgica. Quando meu pai ficou doente (problemas [câncer?] no fígado) o clima em casa ficou muito pesado. Ele está doente de novo. Sem comentários. São muitos. A separação de meus pais foi muito ruim, pois acabaram-se as brigas mas nós ficamos sem ele. “Depois da separação dos meus pais o clima em casa ficou péssimo, a mãe briga muito com a gente”. Meu envolvimento com más companhias, quando tive alguns problemas. Fui detido pela polícia, quando briguei com o André. Foi uma das piores experiências. Percebi que me envolver em brigas não leva a nada. Acabei

indo para o Fórum”.

As piores experiências pessoais também estão ligadas diretamente à família. Na verdade, tudo o que acontece de bom ou de ruim nas famílias, repercute positiva ou negativamente na escola. E os professores precisam estar preparados para lidar com tais situações. A indiferença pode ser muito prejudicial, pois o aluno fará sempre algo para obter a atenção necessária ao seu “caso”. Quando o professor opta por ignorar o comportamento muitas vezes agressivo do aluno, pode estar perdendo uma excelente oportunidade de conquistar-lhe a simpatia. Para isso, o professor precisa estar atento, o que nem sempre é fácil, devido ao grande número de alunos que atende e aos inúmeros problemas que enfrenta. Entretanto, muitos destes problemas poderiam ser solucionados com uma pequena conversa, uma demonstração de interesse e de respeito pela situação, que pode parecer banal ao professor, mas é muito importante para o aluno.

Você gostaria de falar sobre alguma coisa que eu não perguntei?

“Gostaria que os professores organizassem mais aulas diferenciadas, que fossem mais exigentes e conseguissem diminuir a bagunça na sala de aula. Para ter um bom ensino, os professores precisam ter mais paciência, ser mais calmos e entender que os alunos se interessam mais por outras coisas (jogar é divertido; você tenta até conseguir). Os professores deveriam entender também que nem sempre que rimos, estamos debochando de alguém. Muitos alunos não aprendem por falta de responsabilidade, e os demais não precisam ouvir sermão junto com eles. Professores estressados também não ajudam muito. Às vezes os alunos não aprendem porque têm preguiça de estudar, e outras vezes pelo tipo de aula de alguns professores. Não faço as coisas de preguiça mesmo, apesar de saber que é importante para a minha vida. Alguns colegas não têm interesse em fazer as coisas e a gente “vai” junto. Acho que muitos colegas também não fazem as coisas por preguiça. Eles também querem mostrar que ninguém manda neles. Um dos

problemas para a falta de vontade de estudar é a Lan House, aqui perto”.

O tipo de aulas não muito interessantes, as atuações de alguns professores que deixam fatos graves ocorrerem sem tomar decisões ou não têm paciência, são alguns dos aspectos abordados pelos alunos como possíveis contribuições para se desinteressarem pelos estudos. Mas, duas razões chamam a atenção. A primeira, diz que alunos deixam de fazer as atividades para “mostrar que ninguém manda neles”. Essa atitude é típica de adolescentes, que, quando estão com amigos, colocam a opinião do grupo acima de tudo, e a seguem, em detrimento do que lhes aconselham pais, professores ou quaisquer autoridades. Por essa razão, nas entrevistas com a equipe pedagógica, os pais afirmam que seu filho não costuma ser assim. E realmente, quando sozinho, ele não o é. Mas, estando com o grupo, suas atitudes tendem a mudar. O mesmo acontece quando tais alunos são levados à presença da direção ou equipe pedagógica devido a algum comportamento inadequado na sala de aula. Na conversa particular, ele se mostra cordato, bem educado, respeitoso. Pode até parecer que seu mau comportamento não aconteceu.

Outra razão alegada por apenas um, mas que afeta um número bastante elevado de alunos, conforme se constata no cotidiano escolar, é a presença de uma *Lan House* nas proximidades da escola. Muitas vezes encontraram-se alunos nesse local em horário de aula, preferindo divertir-se nos jogos dos computadores. Tal preferência pode ser explicada pelo fato de que os jogos apresentam-se como desafios, enquanto que as aulas, muitas vezes, não exigem sequer concentração, muito menos são desafiadoras ou estimulam a curiosidade do educando. Entretanto, a curiosidade é que leva ao conhecimento, pois estimula a busca por respostas. FREIRE, (1985, p. 51) insiste na “... necessidade de estimular permanentemente a curiosidade, o ato de perguntar, em lugar de reprimi-lo.

As escolas ora recusam as perguntas, ora burocratizam o ato de perguntar. A forma mais conhecida de burocratizar a pergunta é declarar

que os alunos só podem perguntar quando o professor tiver encerrado sua fala. Ora! Neste momento a curiosidade do aluno foi esquecida e ele já estará pensando em outra coisa. Assim, os alunos preferem os jogos, que são desafiadores e onde ninguém os impedirá de tentarem, até vencerem.

Cabe aos professores lembrarem-se de um ditado popular que diz: “se não posso combater, devo me aliar.” Ninguém conseguirá combater o uso de computadores em plena era da informática. Assim, segundo o ditado, deve-se aliar a eles, copiando o que têm de bom, de atrativo, de desafiador, valorizando suas idéias, mantendo-os nas salas de aula. Quem sabe esta não será a solução para muitos problemas de desinteresse dos alunos!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sem dúvida, ensinar é algo muito difícil e trabalhoso. E mais difícil se torna quando as condições atrapalham.” Mas é preciso que “... o exercício de ensinar permaneça vinculado ao intento de promover as condições necessárias para, transcendendo o instruir e o adestrar, auxiliar o encontro da inteligência do educando com a vida, o encontro de sua sensibilidade com a pluralidade rica do viver.” (MORAIS, 1986, p. 6).

Ensinar é, de fato, difícil e trabalhoso. Mas quando os professores escolheram sua profissão já conheciam essa verdade. E essa atividade torna-se mais difícil quando não se empenham devidamente.

Freud (1990) relaciona o desejo de aprender à forma como os pais lidaram com a curiosidade infantil sobre seu nascimento. E essa questão transcende o limite das salas de aula. Entretanto, muitos dos problemas expressos nas falas dos alunos entrevistados podem ser solucionados com boa vontade, dedicação, ética, profissionalismo e muita humanidade.

É preciso aceitar que os alunos são como são, e não como os professores gostariam que fossem. Eles, com sua atitude irreverente, estão desafiando os professores a entendê-los e ajudá-los. Em sua maioria, não estão procurando encrenca.

Os professores deveriam desafiá-los com atividades interessantes, estímulos à busca de respostas, aulas bem preparadas e nem sempre teóricas, propondo o diálogo em lugar de monólogos expositivos. Dessa

forma, muitos dos problemas alegados como indisciplina ou desinteresse deixariam de existir em virtude do prazer proporcionado aos alunos pelo entendimento do assunto trabalhado em aula e pela apreensão de sua aplicabilidade na vida diária.

Contudo, nem todos os problemas podem ser solucionados pelos professores. Assuntos como insegurança, revolta, não aceitação da autoridade constituída (ninguém manda em mim), precisam ser tratados com a família. Os pais precisam participar de reuniões com palestras feitas por pessoas competentes (psicólogas, psicopedagogas, Conselho Tutelar, etc.), pois muitos deles deixam de formar valores morais e éticos em seus filhos por falta de conhecimento de como fazê-lo e, até mesmo do Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse desconhecimento deixa muitos pais inseguros quanto ao que podem ou não podem fazer na educação dos filhos, que acabam por entender que podem tudo.

Desta forma, ainda que a realidade escolar insira-se em uma realidade social maior, marcada por interesses antagônicos entre quem produz e quem aluga sua força de trabalho, família e escola unindo forças poderão resolver grande parte dos problemas citados. Quando o aluno entender que pode contar com a atenção, o apoio, o carinho e o respeito tanto da família quanto dos professores, ele passará a valorizar mais a escola e seus componentes, por sentir que pode usufruir daquilo que está aprendendo, melhorando sua vida e a de seus familiares.

Em suma, a falta de desejo de aprender observada em determinados alunos pode ter como causas prováveis: a) a possibilidade de não conseguir emprego após o término dos estudos; b) a alienação dos alunos motivada pela alienação dos professores; c) problemas no vínculo afetivo entre professor e aluno; d) alunos educados para a submissão, e não para serem autônomos; e) a indisciplina demonstrada por grande número deles; f) a apatia que os alunos demonstram, por absoluta falta de incentivo (não são estimulados a fazer perguntas); g) superproteção ou desinteresse total da família.

Diante deste quadro, o que pode ser feito é motivar mudanças no trabalho dos professores através do estímulo à pesquisa, à leitura, à busca de novas idéias que possam melhorar substancialmente suas aulas, pois, como se pode perceber nas respostas dos alunos, aulas monótonas não lhes interessam absolutamente. Esta mudança de atitude não requer nenhum preparo especial. É suficiente que se trabalhe em equipe, solicitando e/ou propondo sugestões, atitudes, métodos, e que se tenha muita vontade de melhorar, de crescer e fazer crescer.

De quem será o primeiro passo?

PARA REFLETIR: Retomando o trecho a seguir, responda às perguntas que o complementam.

“O que pode ser feito é provocar mudanças no trabalho dos professores através do estímulo à pesquisa, à leitura, à busca de novas idéias que possam melhorar substancialmente suas aulas, pois, como se constatou nas respostas dos alunos, aulas monótonas não lhes interessa, absolutamente. Esta mudança de atitude não requer nenhum preparo especial. É suficiente que se trabalhe em equipe, solicitando e/ou propondo sugestões, atitudes, métodos, e que se tenha muita vontade de melhorar, de crescer e fazer crescer. Além disso, envolver a família na escola, para que os alunos percebam o interesse dos pais e passem a considerar o estudo como algo útil e até agradável. Entretanto, de quem será o primeiro passo? E como dá-lo?”

O que fazer para mudar este quadro? Com base nestas provocações, qual seria o primeiro passo para provocar mudanças no trabalho pedagógico? De quem será? E como dá-lo? Vamos fazer uma relação das mudanças que dependem de nós, professores?

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. **Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci**. Lisboa: Relógio D'água, 1990

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.

KAMII, Constance. **A criança e o número**. Campinas: Papyrus, 1986.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação - O mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1995.

LEFÉVRE, Fernando; LEFÉVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O Discurso do Sujeito Coletivo - Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

MORAIS, Regis de. **O que é Ensinar?** São Paulo: EPU, 1986.

RUDEL, Douglas. **Dicionário de Psicologia Prática**. Obtido via Internet no site <http://paginas.terra.com.br/arte/rudeldouglas/Dicionario.htm>

SZYMANSKI, Maria Lídia Sica; PEREIRA JUNIOR, Antonio Alexandre. **Diagnóstico e Intervenção Psicopedagógica**. Cascavel: Edunioeste, 2006.